



O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano V

Florianópolis, Agosto de 1947

N. 6

O CONSTRUTOR

Virtude: Generosidade.

Vícios opostos: Mesquinhez, inveja, egoísmo.

O Construtor: "Coração de Jesus, rico para todos que vos invocam, tende piedade de nós".

O Ajudante: "Virgem Maria, Mãe de Jesus, fazei-nos santos". (100 dias).

Método: Começa o dia com o propósito de ser generoso no serviço de Deus. Ao levantar, repete cinco vezes as jaculatórias acima; diz estes grupos de cinco muitas vezes durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

Construindo: Generosidade é sinônimo de nobreza. É sinônimo também de largueza e de liberalidade, de magnanimidade e grandeza d'alma. Manifesta-se na inclinação ou propensão da mente a antepor o decoro à utilidade e ao interesse próprio. Engendra o valor e o esforço nas empresas árduas. — Ora, todas as virtudes são reflexos das infinitas qualidades de Deus. Deus é generoso. Deus é infinitamente nobre, é a perfeição absoluta. Olhai para a natureza: quanta largueza da mão creadora de Deus!

Quem conta as milhões e milhões de flores que nunca alegrarão a vista do homem. Apesar disto, o Pai celeste lhes manda o sol e o orvalho. Quantas frutas amadurecem sem jamais serem colhidas. Quem conta os pardais que o Pai sustenta com liberalidade divina? O brilhar do ouro nas entranhas da terra, o faiscar dos diamantes, o cintilar das estrelas, a vastidão dos mares, a majestade das montanhas, as extensas florestas com sua multiplicidade de vida misteriosa, o verde ondulante das pastagens, tudo e todos proclamam a generosidade de Deus. E no sobrenatural, são os coros dos Anjos que em hinos sem fim cantam a munificência do Senhor. E como reluz no homem a generosidade de Deus! Este ser frágil, equiparado aos anjos pela alma imortal, recebeu da mão do Creador o dom inestimável da livre vontade. Recebeu no batismo título e direitos de cidadão da mansão celestial. Mas ai! Quanta vez abusou o homem da generosidade de Deus. Mas ela é inesgotável. O Pai emprega meios extremos para salvar o homem perdido. Não tem compaixão do próprio Filho. E mesmo depois do sacrifício de valor infinito com que Jesus remiu o mundo, Deus perdoa sempre de novo a ingratitude mais negra ao pecador arrependido. — É Jesus quem nos desvendou as riquezas de generosidade divina. É Jesus quem nos con-

MARIANOS CELEBRES

6. Um Arqueólogo

Filólogos e arqueólogos, críticos e juristas celebrarão o dia 18 de Outubro de 1947 como o 4º centenário do nascimento de um dos eruditos mais afamados do 16º século. Nós, congregados, temos maior direito de regozijo; pois trata-se de comemorar o nascimento de um filho de Maria que não somente se distinguiu nas letras humanas, que não somente glorificou sua Rainha e Mãe celeste em valiosas obras, mas que é ainda um exemplo vivo de como um servo de Maria não se perde.

Foi na pequena povoação de Overijssche, situada entre Bruxelas e Lovaina, na Bélgica, no 18º dia do Mês do Rosário de 1547 que nasceu Justo Lipsio, ou como, no vernáculo flamengo se chamava, Joest Leps.

Desde os primeiros anos de vida, deu prova de uma inteligência extraordinária. Com seis anos, come-

vida a recorreremos à generosidade, à magnanimidade do Pai celeste.

Na Defensiva: Entretanto, quão mesquinhos somos nós, homens! Friamente calculando o mínimo de esforços a ser empregado, servimos Aquele cuja bondade não tem limites. E tantas vezes nem isto fazemos. Queremos receber, mas não damos nada. Pedimos perdão, e guardamos rancor ao próximo. Queremos ser servidos, e não ajudamos a ninguém. Queremos ser amados, e falamos mal do próximo, caluniamos o amigo. Quanta mesquinhez, quanta inveja, quanto egoísmo! Quanta pobreza d'alma! Por isto pedimos: "Coração de Jesus, rico para todos que vos invocam, tende piedade de nós". E, vendo como estes pecados afeiam a nossa alma, suplicamos: "Virgem Maria, Mãe de Jesus, fazei-nos santos".

Na Ofensiva: Mas o homem é capaz de ser generoso. Os mártires antepuseram a honra de Deus aos seus interesses temporais e até à própria vida. Os santos confesores, as santas virgens, todos quantos brilham no fulgor da santidade, mostram-nos de que é capaz o homem generoso. E eles foram homens como nós. Sofreram das mesmas fraquezas do corpo e da alma como nós. Muitos d'elles fizeram penosa viagem dos extremos do egoísmo ao cume esplendoroso da generosidade e abnegação, do sacrifício de si mesmos. Hauriram eles todos nas riquezas do Sagrado Coração de Jesus as forças indispensáveis. Confiaram à Mãe de Jesus os ardentes desejos de santidade, de generosidade. Imitemos estas grandes almas. Vamos ao Coração de Jesus! Recorramos a Maria!

cou o estudo do latim e, quando com 12 anos se transferiu para o colégio dos Jesuitas em Colônia, já escrevia versos e fazia discursos na lingua de Latium. Seus mestres favoreciam o estudo dos idiomas clássicos. Isto, por sua vez, moveu o jovem a ingressar na ordem a que pertenciam seus mentores. O pai de Justo, porém, não concordava. Quis que o filho estudasse filosofia e direito. Justo mudou-se para a universidade de Lovaina. Com 19 anos, publicou a primeira obra, com o título: "Várias Lecciones", obra esta que dedicou ao Cardeal Granvella.

Este poderoso príncipe da Igreja chama o jovem autor para Roma. Aqui lhe estão à disposição as vastas bibliotecas e os riquíssimos tesouros de documentos e monumentos da antiguidade clássica. Na Cidade Eterna, lança os fundamentos daquele saber excepcional que assombrou o mundo culto da época e que ainda irradia de suas muitas obras. Mas foi aí também que começou a sentir o espírito da revolta religiosa que, com seu sopro mortal, fazia fenecer tanta flor de graça e santidade.

Por isso, sua volta para Lovaina, onde com companheiros levianos, se entregou a uma vida dissoluta, foi desastrosa. Irrequieto, afastou-se da única fonte da paz. A mesma pátria não tem já atrativos para ele. Dirige-se para Viena e de lá para a universidade protestante de Jena, onde leciona história e professa abertamente o luteranismo.

Mas não acha sossego. Volta para Lovaina onde adquire o título de doutor em direito e é nomeado professor desta ciência. Publicando a primeira edição crítica de Tácito, mostra mais uma rica faceta de seu gênio. A universidade calvinista de Leiden (Holanda) quer incluí-lo no seu corpo docente. Nessa cidade, Justo edita eruditos trabalhos sobre Valério Máximo, Séneca e outros, e passa do luteranismo ao calvinismo. Lecionando na universidade de Leiden história literária, dá-se conta do rigorismo teológico da doutrina de Calvino e sente saudades da liberdade verdadeira que oferece a Igreja de Cristo aos seus filhos. Pretextando motivos de saúde, dirige-se para Spaa, com a intenção de voltar para o seio da Igreja católica. E, em Março de 1591, na igreja dos jesuitas de Mogúncia, reconciliou-se com a fé dos seus antepassados.

Muitos são agora os oferecimentos honrosos de bispos, reis e príncipes. Até o Papa Clemente VIII convida-o para que ocupe uma cátedra universitária. Justo, porém, prefere a sua antiga Alma Mater de Lovaina por dois motivos: é o amor à pátria, é a modés-

CANTINHO LITÚRGICO

Ordinariamente, a Sta. Missa deve ser celebrada num lugar destinado ao culto divino. Tais lugares são as igrejas e as capelas. Igrejas são edifícios sagrados cuja finalidade é a celebração do culto divino. Capelas podem ser edifícios inteiros ou partes de um edifício reservadas exclusivamente ao culto divino.

Tais lugares sagrados, porém, não podem ser usados para a celebração da Sta. Missa, quando forem violados pela perpetração de determinados crimes graves dentro do recinto sacro, ou pela destruição total ou da maior parte das paredes, ou ainda se forem interditados pela autoridade eclesiástica.

Os bispos diocesanos podem permitir que se reze a Sta. Missa em qualquer outro lugar decente, mesmo ao ar livre.

Com licença especial, os sacerdotes podem rezar a Sta. Missa em viagens marítimas, quando o mar está tranquilo e não há perigo nenhum de irreverência.

tia, — prova irrefutável de sua conversão sincera. Mas o modesto professor de latim e história antiga não pôde declinar da nomeação para Historiador da Coroa com que Felipe II, rei da Espanha, o quis distinguir.

Sua fama de docente atraiu a muitos, entre os quais os arquiduces Alberto e Isabel. O exemplo deste insigne príncipe teve os efeitos mais salutares, não só para o povo católico em geral, senão especialmente para Lipsio. Renovou nele a sua antiga devoção a Maria Santíssima. O que viu nos santuários marianos de Hal e Montaigu (Bélgica) levou o Congregado Justo Lipsio a descrever a munificência da Rainha dos Céus em latim clássico nas duas obras: "Diva Virgo Hallensis. Beneficia ejus et miracula fide atque ordine descripta", e "Diva Sicheimensis sive Aspricollis". E para manifestar de algum modo sua gratidão devida à excelsa Padroeira, pelos lumes recebidos na sua atividade de escritor ofertou à imagem veneranda de Hal uma pena de prata.

Rodeado de padres franciscanos e jesuitas, o grande latinista, no leito de morte, pediu que mais uma vez rezassem com ele a Ladinha de Nossa Senhora e declarou ser sua maior consolação o ter venerado a Maria Santíssima desde a sua infância.

O Congregado Justo Lipsio morreu, em Lovaina, aos 24 de Abril de 1606. Conforme sua última vontade, seu coração foi levado para a Igreja dos padres jesuitas em Lovaina.

É BOM SABER...

— Lemos num importante diário norte-americano: Avery Dulles, o filho mais novo de John Foster Dulles, proeminente figura protestante, ingressou no noviciado dos jesuitas de St. Andrew, em Poughkeepsie, N. Y. Mr. Dulles conta 27 anos e formou-se pela Universidade de Harvard, em 1939. Deixou recentemente sua carreira na marinha de guerra, na qual serviu brilhantemente como tenente, durante a guerra no Atlântico e no Mediterrâneo. Converteu-se à Igreja Católica em Boston, há cinco anos. — Seu pai, que é presbiteriano, voltou, faz poucos dias, da Inglaterra, onde presidiu à Conferência Internacional das Igrejas do Mundo. É presidente do Comitê da paz justa e duradoura do Conselho Federal das Igrejas Cristãs na América.

— Acaba de falecer em Berlim, com a idade de 68 anos, o Pe. Roberto Jaquinot, célebre jesuita, que salvou muitos milhares de vidas na guerra chino-japonesa. Trabalhava ali como membro da Missão Papal de Socorro. Na zona de segurança que ele fundou em 1937, em Shanghai, abrigava e dava de comer a cerca de 250.000 pessoas. Organizou a zona de Hankow no espaço de um ano; quando os japoneses se retiraram da cidade em chamas, foi nomeado alcaide. Foi cinco vezes condecorado pelos governos francês e chinês. Tem trabalhado cerca de 40 anos na China. Era professor de matemática e química, quando começou a guerra civil. Numa explosão de seu laboratório, perdeu uma mão e, ao salvar um menino chinês, o braço.

— O Pe. Lejay, S. J., célebre físico e antigo director do Observatório de Zi-ka-wei, perto de Shanghai, na China, foi nomeado membro da Academia Francesa de Ciências. As observações do Pe. Lejay na estratosfera, levadas a cabo no longínquo Oriente, trouxeram aos cientistas os primeiros conhecimentos sobre as correntes de ar de grande altura e aumentaram os conhecimentos da electricidade atmosférica.

— O Pe. Sarasola, S. J., antigo director do Observatório Meteorológico de San Bartolomé e actual director do de Havana, foi condecorado por eminentes serviços em meteorologia e declarado "Filho Adoptivo Eminente" do governo da Província de Havana.

(De Nuestra Vida — Lima)

— Ontem soldados, hoje missionários: Apenas desmobilizados, mais de 200 jovens norte-americanos solicitaram sua admissão ao Instituto das Missões Estrangeiras de Maryknoll, E. U. A. A maioria deles decidiram-se a dar um passo tão transcendental, atraídos pela abnegação de tantos veteranos missionários, cuja magnífica empresa puderam admirar nos mesmos campos de batalha, particularmente nas inúmeras ilhas do Pacífico. Actualmente, todas as casas de formação do mencionado Instituto se acham repletas de futuros evangelizadores. Já em Setembro p. p., foram admitidos 328

ESCOLA DE GUERRA (XVI)

33. (1) "O bom congregado deve acima de tudo ser um cristão exemplar (2) conformando perfeitamente a sua fé e seus costumes com o que ensina a santa Igreja católica, (3) louvando o que ela louva e reprovando o que ela reprova, (4) sentindo como ela sente em todas as cousas, (5) não se envergonhando nunca, seja na vida particular, seja na pública, de proceder como filho obediente e fiel de tão santa Mãe". (6).

Comentários: (1) Esta Regra é uma das mais importantes normas que regem a vida do Congregado. Com ela vive e morre a C. M. — (2) A C. M. não pode querer outra cousa do que Cristo quer: o Congregado deve seriamente esforçar-se por ser discípulo genuíno de Cristo. Segundo as palavras de Cristo, a luz de nossos bons exemplos deve brilhar de tal modo que os outros a possam, a devam ver e se guiar por ela. Eis o apostolado do bom exemplo. Mas eis também o que exige já a primeira Regra: santificação própria. — (3) Conformar os costumes com o que ensina a Igreja: espírito de oração, frequência dos Sacramentos, respeito à autoridade, recato no trato com o próximo, caridade para com as necessitados material e espiritualmente. — (4) Louvar: o culto divino prestado pela Igreja, as ordens religiosas como meio de perfeição. Reprovar: este é um ponto mais difícil, quando se trata de condenar cousas de que a Igreja nos diz que impedem a nossa salvação ou, que pelo menos, a põem em perigo, como sejam livros, cinemas, bailes, praias de banho, etc. (5) O Congregado verdadeiro não questiona as decisões da Igreja. Ele, simplesmente, se submete. Submete não somente seus juízos, lembrado de que a Igreja, em virtude da assistência especial do Divino Espírito Santo, é infalível nos seus ensinamentos; mas submete ainda, enquanto for possível, os próprios sentimentos. O Congregado sabe que, ao lado do elemento divino, há, na Igreja, o elemento humano. Por isto, não fará coro aos inimigos da Igreja que procuram escavar e espalhar escândalos dos seus ministros. — (6) O Congregado sabe que não precisa desculpar-se de que é católico. Pelo contrário, orgulha-se, ufana-se de sua Igreja. E há motivo de sobejo para isto. Qual a sociedade que tenha como fundador o próprio Deus? Qual a sociedade que produziu homens distintos em tão grande número? Qual a sociedade tão benemérita como a Igreja Católica? — O amor ardoroso à Igreja Católica Romana foi, e será sempre um dos distintivos inconfundíveis do Congregado legítimo.

aspirantes. Os pedidos de admissão para o ano em curso — sem contar os 200 antigos combatentes — são entretanto mais numerosos. Tais vocações são sobremodo preciosas, para preencher as lacunas que a guerra ocasionou nas fileiras dos mensageiros da Paz.

(Nuestra Vida — México)

LIVROS

Anos de Ternura, por A. J. Cronin; Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1947. — O Dr. med. A. J. Cronin, há anos, fechou seu consultório. Mas não foi porque se desinteressasse da humanidade sofredora. O auscultar e receitar para este ou aquele doente não o satisfaziam. Quis estudar a sociedade, a ela descobrir os males que a afligem. Em vários volumes expôs ao público os seus achados. Ora, aponta a incompreensão com que médicos sérios devem contar, ora, desvenda o charlatanismo inescrupuloso; uma outra vez, toma por objeto dos seus estudos a sorte das enfermeiras. Entretanto, não quer limitar-se a uma ou duas classes, em suas pesquisas. Cada reconhece que o problema religioso é de importância transcendental na solução da questão social. Concretiza em "As Chaves do Reino" as suas primeiras impressões. É verdade, não é sempre feliz no modo de pensar. Mas, enquanto trabalhava nesse livro deve ter-lhe surgido a idéia de que é necessário estudar a evolução psíquica de um homem para compreendê-lo. O fruto deste estudo é "Anos de Ternura". Um menino órfão é transferido para um meio social de todo desfavorável ao desenvolvimento da fé herdada dos pais. Apesar disto, Robert Shannon faz sua primeira Comunhão e torna-se moço verdadeiramente religioso. Esta religiosidade, porém, tem que passar pela prova de fogo. A mesquinhez do tutor, a pobreza, as múltiplas adversidades que lhe destroem as esperanças de poder estudar na universidade, justamente no momento em que julgava ir-se-ia realizar o sonho de sua jovem vida, mas sobretudo, seu desenvolvimento psíquico levam-no a abandonar não só a prática da religião, senão — assim ele pensa — a tornar-se incrédulo. Mas eis, no mesmo momento em que lhe vem a certeza de ter que renunciar definitivamente aos seus projetos, apresentam-se-lhe os meios de os executar. As muitas orações, as penitências voluntárias, os inúmeros sacrifícios de uma infância e de uma adolescência sem sol, tudo isto não fôra esquecido por Deus. E Roberto, sem se dar conta da significação do gesto, entra na igreja dos Santos Anjos para agradecer àquele Deus que julgava ter perdido. — Cronin é realista. Traça os seus caracteres assim como os encontra na vida cotidiana. Nada de heroísmo inverosímil. Mas ele é artista também. Por isto, não berrega aos quatro ventos: "Vede, o meu herói se converteu, o príncipe voltou para a casa paterna". É possível que, para uma ou outra alma pouco versada no conhecimento dos caminhos de Deus, o livro não seja bastante piedoso, uma que outra expressão não bastante reverente. Mas se souber ler, alegrar-se-á de que um escritor de fama como Cronin teve a coragem de abordar este assunto. E tomará por bom sinal o facto de que tal assunto achou tão esplêndido acolhimento no público moderno. — Sec.: C.

NINGUÉM VIU ESTA LUTA

Lutando desesperadamente que vivia aquele jovem. Todos desconfiavam, ...ninguém via.

É que a paixão pelo mundo exterior o dominava antigamente.

E agora? Agora: Ele luta consigo mesmo, contra seu erro, contra a falha de educação que seus pais lhe deram.

É terrível esta luta!

Vive aquele jovem cabisbaixo triste agora, alegre depois, chorando novamente, enfim: lutando sem virem ajudá-lo, pois todos desconfiavam seu inimigo. Mas ele luta...

Anos depois. Jaz ele no leito gravemente enfermo. Ao seu lado um padre. E vai contando: "... assim lutando comigo mesmo procurando esquecer o passado venci este terrível adversário. Oh não era adversário, ... era inimigo era mais que inimigo: era o demônio".

E seu esforço fôra criticado. Por que? ... porque afinal extinguiu-se uma... chamá-la-emos heroicidade?...

E parece ainda pairar a sombra de uma luta que ninguém viu.

N. N., 4º Ano gin.

SABEDORIA ESCOLAR

(documentada nas provas)

— Quem estava triste, quando voltou para casa o filho pródigo? O novilho gordo.

— Buda é venerado principalmente em Budapest.

— Depois de suas conquistas, Cesar estabeleceu-se e ficou imperador de Roma, mas não disse nada disto ao povo.

— Qual é a causa principal do divórcio?

O casamento.

— Acrópole é o nome da loba que criou Romeu e Julieta.

Chama e Cinzas, por Carolina Nabuco; Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1947. — Este romance brasileiro é a primeira obra que o recém-fundado "Clube do Livro", organizado pela Livraria Dom Vidal, Rio de Janeiro, distribuiu. Em vez de analisar o volume em apreço, damos os nomes dos membros do Conselho Literário que fez a feliz escolha. É o conselho integrado pelos senhores: Professor Everardo Backheuser, eminente educador — Dr. Augusto Meyer, crítico literário e director do Instituto Nacional do Livro — Pe. Alvaro Negromonte, escritor e educador conhecido — D. Francis Portugal, bibliotecário na Biblioteca Nacional e da Juventude Feminina Católica — Dr. Fábio Ribeiro, engenheiro e redactor-secretário da revista "A Ordem". Estes nomes, ilustres nas letras brasileiras, garantem o valor das obras por eles escolhidas. "Chama e Cinzas" justifica plenamente esta afirmação. — Sec.: C.

(Continuação)

vavelmente a brigar, como já aconteceu outras vezes, e a ferir o adversário, ele fica plenamente responsável pelas consequências da briga.

As vezes, encontra-se este argumento falso: "Se ficar embriagado, provavelmente cometerei pecado contra a castidade, como aconteceu no passado. Mas, por estar bêbedo, não terei uso completo de minhas faculdades; portanto, não terei culpa". Tal raciocínio está completamente errado. Prevendo a possibilidade do pecado que será cometido ou a sua probabilidade, a pessoa que age em tais condições, é culpada mesmo se comete o pecado em estado de embriaguez.

Por isso, se uma pessoa prevê que, em estado de embriaguez, fará coisas que são moralmente más, e se embriaga contudo, é culpada dos pecados que comete, enquanto está bêbeda. Porque admitiu deliberadamente não só a embriaguez, mas ainda as consequências da embriaguez.

Isto vale também para os que usam tóxicos para destruir completamente sua força de vontade e que tornam fácil o pecado mortal e os subtraem, aparentemente, ao controle da vontade.

Tal conduta, porém, é bastante rara.

É importante lembrar que ninguém pode cometer pecado mortal a não ser que queira cometer pecado mortal; factos, ações eventuais nunca são pecados; sem de-sejar fazer uma coisa que é má, não há culpa de pecado.

Modo de Proceder

1. Com respeito aos pecados.

A. O penitente que se confessa frequentemente, para quem a confissão faz parte de uma vida normal, não precisa de tanto tempo nem de tanta atenção para o exame de consciência como uma pessoa que se confessa raras vezes.

As seguintes observações, portanto, referem-se mais a pessoas que se confessam frequentemente.

Com toda probabilidade, pecados mortais distinguem-se claramente e são facilmente lembrados. O penitente lembrar-se-á se fez alguma coisa notavelmente má. No momento em que começa a preparação para a confissão, tal ou tais pecados manifestar-se-ão com toda a força. Não precisará de um intenso escrutínio de sua alma para descobri-los.

Se não tiver cometidos pecados mortais, deveria escolher, para a confissão, certos tipos de pecados veniais. Sábiamente acusará aqueles de seus pecados que magoam, incomodam ou perturbam outras pessoas; este tipo de pecado deveria, certamente, ser realçado na confissão, no arrependimento e no firme propósito de emendar a vida.

O mesmo pode-se dizer de pecados que ameaçam tornar-se hábitos. Ele desejará eliminá-los, porque prejudicam seu caráter e, frequentemente, preparam o caminho para pecados mais graves. Isto vale também de pecados que podem dar escândalo ou levar outros a pecar,

Ninguém acha mais fácil o exame de consciência antes da confissão do que aquele que, cada noite, inclui na sua oração um breve exame de consciência. Para este, a confissão é simples, porque verificou cada dia suas faltas e seus pecados e fez um acto de contrição e um propósito para o dia seguinte. Sua confissão tem sido preparada por um costume diário.

Mesmo uma pessoa que se confessa frequentemente, fará bem em examinar mais detalhadamente a consciência antes da confissão.

B. Quem não se confessou há muito tempo ou quem poucas vezes se confessa, é importante que faça um exame muito mais cuidadoso da vida passada. De outra forma, provavelmente, esquecerá coisas que aconteceram, e apresentará ao confessor uma exposição incompleta de sua situação moral.

Por isso, terá que examinar cuidadosamente a vida desde a última confissão. Para isto pode utilizar-se do paradigma oferecido mais adiante.

Se se sentir perplexo com sua vida e, depois do exame de consciência, ainda não estiver satisfeito com a exposição preparada para a confissão, agirá mui sábiamente, se pedir ao confessor que o auxilie. Basta que diga: "Padre, faz muito tempo que não me confes-

so". (Aqui diz quanto tempo faz). "Fiz o exame de consciência, mas não sei se me lembro de tudo. Quer ajudar-me para fazer uma boa confissão?" O sacerdote de bom grado ajudará, e umas poucas perguntas apropriadas revelarão tudo.

C. Pessoas escrupulosas devem, quanto ao exame de consciência, fazer exatamente o que seu confessor habitual lhes manda fazer. Se lhes foi dito que não façam exame nenhum, obedeçam. Se lhes foi dito que não repitam na confissão pecados da vida passada ou pecados mencionados anteriormente, que façam o que lhes foi ordenado, mesmo se desejassem acusá-los de novo ou se sentissem pouco satisfeitas com tal conselho. "Obedece ao teu confessor!" Esta é a primeira e última regra para escrupulosos. Uma pessoa escrupulosa nunca deve inquietar-se com pecados duvidosos.

2. Paradigmas.

Não pretendemos dar um questionário completo sobre os pecados. Traçamos apenas linhas gerais que guiarão normalmente uma pessoa a um rápido e fácil conhecimento de seus pecados. Se houver qualquer coisa que está fora destas linhas gerais, ou se houver qualquer problema que alguém não entende, o recurso mais simples consiste em expor o caso ao confessor: "Há ainda uma coisa que não está clara".

Mas, geralmente, esta simples série de perguntas e sugestões deveria trazer à luz da memória do penitente tudo quanto poderia ser matéria para a confissão.

1. Qual tem sido o meu maior pecado desde a última confissão? Tornou-se este pecado um hábito para mim? É uma coisa que acontece frequentemente em minha vida? Tal pecado estará, geralmente, fundamentado numa real fraqueza de carácter. É o pecado que mais perigosamente se interpõe entre mim e minha salvação.

2. Qual tem sido a minha atitude para com Deus? Creio n'Ele e trato de amá-lo e de confiar n'Ele? Atendi fielmente à sta. Missa? Honrei a Deus com minhas orações e meus serviços? Tenho um sincero respeito para com seus mandamentos? Sou leal à Igreja católica e às suas leis? Tenho observado os dias de jejum e abstinência prescritos?

3. Qual tem sido a minha conduta pessoal? Tenho sido puro e modesto? O meu falar tem sido limpo e decente? Tenho me precavido contra pecados em pensamentos e desejos? Aceitei como verdade as coisas que Deus revelou e a Igreja ensinou? Tenho me mostrado orgulhoso no trato com outros e tenho me gabado de dons

personais? Tendo sido temperado no uso de comida e bebida?

4. Qual tem sido a minha conduta para com outros? Tenho sido honesto nos meus negócios com eles e respeitado seus direitos e propriedades? Mostrei-me cuidadoso quanto a seu bom nome e reputação? Levei, por meu pecado, outros a pecar? Fiz, por palavras ou ações, com que outros tomassem parte em pecados? Tenho brigado com outros, abusado deles ou os prejudicado fisicamente?

5. Tenho cumprido o meu dever? Cada um de nós tem em seu estado de vida ou profissão deveres para com outros: deveres de pais, de filhos, de homens de determinada profissão, de comerciante, de patrão, de empregado. Isto significa que somos devedores de trabalho honesto, bondade, procedimento justo, caridade para com outros que dependem de nós quanto à sua felicidade ou serviços. Como agi sob este ponto de vista?

4. ACTO DE CONTRIÇÃO

Por mais completa que seja a confissão, por mais exata a relação dos pecados, se falta o arrependimento, melhor fôra se a confissão não fosse feita.

Daí a necessidade de expressar perante Deus a nossa máguia, o nosso arrependimento profundo por causa dos pecados do passado e da determinação de não cometê-los de novo.

E provável que, durante a confissão, o padre diga: "Faça um bom acto de contrição". Se o arrependimento for formulado nesta ocasião, é o quanto basta. Quem, porém, deseja estar certo de uma boa confissão, faz o acto de contrição antes de entrar no confessional. Diz a Deus, com toda a sinceridade, que está arrependido de seus pecados. Manifesta ao bom e generoso Deus sua vergonha e máguia por causa do seu passado.

Este arrependimento deve ser sobrenatural. Isto quer dizer que a pessoa não pode estar arrependida meramente por causa de alguma triste consequência sofrida aqui na Terra por causa do pecado. Não basta estar arrependido dos pecados porque causam doenças ou porque trazem consigo fracasso nos negócios, desgraça perante os amigos, miséria para a família, ou semelhantes consequências infelizes. O arrependimento deve ter alguma relação direta com o que o pecado tenta fazer a Deus, com o que fez a Jesús na sua Paixão e Morte, ou com os efeitos eternos que terá na alma pelas penas do inferno ou a perda do céu. A lembrança dos sofrimentos do Purgatório é suficiente arrependimento por pecados veniais cometidos.

Tal tristeza ou arrependimento podem ser expressados com palavras próprias, por meio de uma fórmula ou pelo clássico acto de contrição que quase todos os católicos aprendem quando crianças. Nem é necessário revestir este arrependimento de palavras, desde que vem de coração e é realmente sincero.

Tampouco é preciso que o arrependimento seja sentido assim que provoque lágrimas, torne o penitente envilecido a seus olhos e indignado contra si mesmo. O arrependimento está principalmente na inteligência e na vontade: a inteligência vê com toda clareza a natureza horrível do pecado e as suas consequências; a vontade resolve expulsar o pecado e, não pecar outra vez com a ajuda de Deus. Sentimentos podem acompanhar o arrependimento; eles não são necessários para arrepender-se.

O arrependimento pode ser:

A. Imperfeito. Tal arrependimento é provocado pelo medo do inferno ou por verificar que perdemos o céu.

Este arrependimento é suficiente para uma boa confissão.

O penitente pode dizer simples e sinceramente:

"Ó meu Deus, não quero ir ao inferno. Sei que por causa dos meus pecados mereço ir para lá. Por favor, perdoai-me. Ajudai-me para que me livre dos meus pecados. Não quero perder minha alma, sofrer a pena eterna e a perda de toda felicidade".

Ou:

"Meu Deus, estou vendo que perdi o direito ao céu. Vós queríeis que eu fosse feliz convosco na alegria eterna. Por causa dos meus pecados já não tenho direito a esta alegria. Perdoai-me. Restituí-me o direito ao céu. Peço-vos, tirai-me os meus pecados".

(Continua)

(CONTINUAÇÃO)

"Passei dois anos nos Estados Unidos", observou Manuel, como se isto fosse explicação suficiente.

"E você precisa de açúcar, pão, chá, café..."

"Pare!" interrompeu o novo proprietário. "Não estava pensando nestas cousas. O que quero já e já é uma enxada ou uma pá e uma picareta".

Dom Enrico, de mãos postas, elevou os olhos para o céu e invocou todos os santos cujos nomes lhe vieram à memória no momento.

"Tanto fervor!" continuou, "Você é um rapaz notabilíssimo. Tanta energia, tanto..."

Aqui Dom Enrico fez uma pausa. Durante sua ladainha improvisada, Cláudio, o caribazinho, tinha corrido para os arbustos atrás da cabana abandonada e, depois da mais curta desapareição, reapareceu trazendo numa mão uma pá, noutra uma picareta.

"Tenho passado aqui muito tempo", exclamou com um sorriso que iluminou seu rosto. "Eu mesmo as escondo; às vezes venho cá para cavar isca".

"Cláudio", disse Manuel, sorrindo bondosamente, "você mais do que mereceu o salário de seu primeiro dia. Você é um muito bom rapaz".

Cláudio estava radiante de contentamento.

"Agora, Dom Enrico", dirigiu-se Manuel ao estupefacto velho, "o senhor falou em comprar provisões para mim".

"Sim, Dom Manuel. Que rápido o senhor é! Quanto quer?"

"Aqui tem cinco dólares", respondeu o moço, virando cada vez mais grande espanhol. "Compre-me pimenta e sal e açúcar e tais cousas..."

"E com que prazer!" interrompeu Don Enrico. "Trarei estas cousas talvez amanhã, talvez daqui a um ou dois dias".

"E eu posso curtir fome enquanto estou esperando?" gritou o proprietário das terras. "Não e não! Eu as quero já e já. Quero-as imediatamente".

"Santa Maria!" exclamou o ancião, esfregando os olhos.

"Sim. E duas galinhas e peixe e farinha de mandioca. Escute, Don, quero que o sr. jante comigo".

Don Enrico, como caído das nuvens, levou a mão ao peito, o dedo índice esticado como se fosse uma varinha. Este dedo, moveu-o, durante vários segundos, de um lado para o outro.

"Vamos, fale", acudiu Manuel, deixando, involuntariamente, seus olhos vagar para os lados do pequeno cariba, que, tendo ouvido mencionar o cardápio, estava dando umas cambalhotas na terra fofa da praia, em sinal de delícias antecipadas.

O velho, informando às pressas os nove coros de anjos que o moço presente aí era o rapaz mais despachado que jamais encontrara na sua vida, disse a Manuel:

"Don Manuel, justamente antes de eu ouvir que o sr. desejava comprar esta ilha..."

"Ilha Stanton", interpôs Manuel secamente.

"Obrigado — Ilha Stanton — eu estava apanhando camarões. Pe-

AÇÃO RÁPIDA

FRANCIS J. FINN, S. J.

(TRADUÇÃO)

guei cinco esplêndidos bichos. O sr. aceitará dois deles para a sua festa?"

"Sim. MUITÍSSIMO obrigado. E traga-me as outras cousas, e... Ah, sim, Cláudio, você vai com ele para ajudar. E se não estiverem de volta daqui a duas horas, eu os atirarei aos tubarões".

Então Manuel deu um jeito para vê-los embarcados e levantar ferro antes que Don Enrico pudesse invocar o céu como testemunha de todos estes feitos notáveis.

O navio ainda não estava longe da praia, quando Manuel bateu palmas, de repente.

"Ai! Ai! Carmelita! Esqueci-me dela por completo. Olá!" berrou. "Eh, você, Don Enrico, pare, pare!" Enquanto falava, gesticulava doidamente, batendo os pés furiosamente. "Voltem! Ouviram? Voltem!"

Don Enrico alarmou-se com o berreiro, observando aterrorizado os gestos desesperados. O rapaz queria que navegasse mais depressa? Nunca na sua vida encontrou moço tão fogoso, tão impetuoso. O vento soprava com força; desfraldar mais velas seria perigoso. Não obstante, o velho, recorrendo a todos os santos, largou todo o pano. Mas então rezou do fundo do coração. E quando o navio voava sobre as ondas, Manuel dançava, berrava e, sinto dizê-lo, praguejava.

"Pois bem", disse, quando compreendeu que estava desperdiçando suas energias. E pegando na picareta e na pá, correu, literalmente correu, em direção ao montículo.

Quando, uma hora e cinquenta e cinco minutos mais tarde, o barco de Don Enrico lançou a âncora no mesmo lugar onde fundeara antes, Manuel e Carmelita, de mãos dadas, pularam para dentro da água, correndo ao encontro do velho.

"Escute!" gritou Manuel, quando a distância permitia ser ouvido. "Quando virá o Pe. Horn do Colégio S. João visitar a sua ilha?"

"Está agora aqui", respondeu Don Enrico. "Trá embora amanhã ao meio dia. Vem todos os meses".

"Bravos!" berrou Manuel. "Recolha a âncora, Don. Voltaremos com o sr. Carmelita e eu vamos casar".

V

Por vezes emprega-se uma expressão forte para indicar que um homem perdeu a compostura em grau elevado e está, como se diz, fora de si. Diz-se que ele "está com ataques". Bem, não sei nenhum meio de dar uma idéia da conduta de Don Enrico quando ouviu esta estranha novidade, do que dizendo que ele estava com ataques. Enquanto ele está sofrendo todas as modalidades de tão tremendo acontecimento psíquico e os esforços unidos de Cláudio, Manuel

e Carmelita tentam devolvê-lo à realidade, pedimos ao leitor, certamente muito sensível para presenciar sem emoção as lutas do bom velho, que volte ao ponto de nossa história, quando deixamos a Manuel com pá e picareta na mão, a caminho do montículo.

Subiu o manso declive justamente como um que sabia aonde se dirigia e o que pretendia fazer. Havia lá, num extremo do montículo, uma espécie de palmeira e, bem ao pé dela, um espaço de perto de quatro pés quadrados, marcado para o olhar observador com doze curtas estacas. Novecentos e noventa e nove entre mil americanos não teriam notado estas estacas. Mas Manuel, cujo treinamento começara bem cedo ao ar livre e cujos olhos de forma alguma foram prejudicados pelos dois anos de emprego nos Estados Unidos, e que, de mais a mais, tinha gasto meia hora, antes de comprar a propriedade, percorrendo pé por pé do montículo, espiou uma estaca sem a mínima dificuldade. Dobrando-se sobre a sua tarefa e arrancando as ervas, logo descobriu as outras marcas. Nada de estranho, portanto, que queria absolutamente uma pá e uma picareta. Para ele não havia nenhuma dúvida. O célebre pirata, Pedro o Grande, podia ter feito uma visita aí, ou Wallace, ou Português, ou Kidd ou Roc. Em todo o caso, algum pirata deixou seu tesouro para que Manuel o herdasse.

"Ah!" exclamou Manuel, depondo pá e picareta. "Não pode ser escondido muito profundo. Terei o tesouro em meia hora".

Tirando gravata e colarinho — pois, Manuel estava vestido como um estudante do Colégio S. João — arregaçou as mangas e, cuspidando nas mãos, agarrou a picareta e levantou-a alto no ar. A cousa mais natural do mundo para esta picareta era abater-se com toda a força sobre o relvado. Mas, a picareta suspensa no ar, o queixo de Manuel caiu, estranheza brilhava-lhe nos olhos, desgosto enrugou seu nariz.

"O quê? Você de novo!" rosou, sem mudar de posição.

"Sim, estou aqui", respondeu a morena filha de índios.

"Você é uma 'squaw'!" (Squaw significa mulher índia e é expressão de desprezo na boca do branco). "Squaw!" rugiu Manuel, atirando ao chão com a picareta.

A jovem dama, tão galantemente apostrofada, estava enlaçando a palmeira com um braço. Parecia, neste momento, como se fosse a deusa protetora desta árvore. Entrancados os cabelos de novo, ao redor da testa uma grinalda de flores vermelhas flanqueadas por folhas verdes, requereu-se pouco esforço da imaginação para tomá-la pela alma desta palmeira-sentinel, separada do corpo para encher de terror a mão sacrilega que

ousasse tocar aqueles tesouro escondidos.

Mas se qualquer um, por mais vivida que fosse sua imaginação, tivesse ouvido sua seguinte observação, teria sido desiludido sem remédio.

"Besta feia!" volveu ela, com uma cara preta de ira e raiva.

"Você vai embora, "retrucou Manuel. "Saia de minha ilha".

"De que jeito?" objetou ela.

"Não sabe nadar?"

"Tenho muita educação para nadar para um lugar estranho", foi a resposta. "Vou ajudá-lo a cavar".

Sem esperar o efeito desta afirmação, Carmelita apoderou-se da pá.

"Você tem nervos", observou o petrificado mocinho. "Gente que conhece a mim e o Professor Stanton, diz que tenho muito nervo. O Professor Stanton diz que tenho mais nervo do que qualquer um que ele já viu, mesmo nos Estados. Mas o Professor Stanton nunca viu a você. E grunhindo afirmo expressar seus sentimentos mistos de admiração e desgosto, Manuel fincou a picareta no solo.

Em poucos minutos, os dois achavam-se enterrados na tarefa. Um quarto de hora passou em trabalho sério e silêncio sepulcral. Fizeram um buraco de mais de dois pés de profundidade. Então...

"Ai! Ai!" exclamou Carmelita, quando viu com um obstáculo metálico. Atirando para longe a ferramenta, ela abaixou-se e começou a revolver a terra com as mãos selvagemmente. Manuel deixou cair a picareta e seguiu-lhe o exemplo.

"É uma arma", ofegou, quando afinal, usando toda a sua força, arrancou da terra uma bainha enferrujada, na qual — durante um século — mais, ele supunha — tinha repousado uma esplêndida espada.

"Bravos!" gritou, tirando-a e brandindo-a no alto. "Um capitão de piratas foi dono dela".

Enquanto Manuel brandia a espada com movimentos loucos, experimentando-lhe o fio e dobrando-a ora para a direita, ora para a esquerda, Carmelita, esquecendo-se de pá e picareta, escavava furiosamente com as mãos, que nem um cão farejando uma toupeira.

"Ai! Ai! Manuel, olhe!" O rosto de Carmelita era um brazeiro, tão excitada que estava com os sonhos mais fantásticos.

Manuel obedeceu à sugestão. Os ágeis dedos dela tinham descoberto o topo de um caixão de cedro!

"O tesouro! O tesouro!" gritou Manuel, saltando para o buraco e escavando e puxando com as pontas dos dedos.

Tivesse um americano visto aqueles dois no momento justo, teria que reformar suas idéias sobre costumes e maneiras dos tópicos. Eles estavam trabalhando furiosamente.

"Pare!" comandou Manuel afinal, levantando o dedo imperiosamente.

Então, enquanto a donzela se deixou ficar de joelhos na atitude de um turco, Manuel, com muito e poderoso puxar e tirar, trouxe à luz do dia um caixão de cedro com dois pés de comprimento, cerca de um de largo e um de fundo.

(Continúa)